



➔ José Luís Sequeira, APICER



➔ Marisa Almeida, CTCV



➔ Conceição Carvalho, CCDRC

Capacidade de inovação da indústria cerâmica pode ser motor à economia circular

Foi no coração da Bairrada e num concelho onde a cerâmica se assume como uma das principais âncoras da economia local, que teve lugar, na noite do passado dia 11 de abril, o 10.º Jantar Conferência do Jornal da Bairrada.

Realizado em parceria com o Município de Oliveira do Bairro, o jantar, realizado na Residencial Estância, em Oliveira do Bairro, reuniu vários empresários e players do setor, num evento onde se ouviu falar de economia circular, inovação mas também de apoios disponíveis para este setor.

Importância e valor desta atividade

Caberia a Oriana Pataco, diretora do Jornal da Bairrada, abrir o evento, justificando a realização deste evento com a importância e valor desta atividade para a região, mas também pela necessidade de abordar os novos desafios que se colocam à economia em geral e ao setor em particular.

Numa época em que a indústria cerâmica está a mudar de paradigma, protegendo os recursos naturais e a própria qualidade de vida das comunidades onde se insere, Oriana Pataco não deixou de sublinhar ser precisamente este “um dos grandes desafios da economia circular, não só para a

cerâmica, mas para todas as áreas e setores económicos”.

Numa noite dedicada à sustentabilidade ambiental e às respostas produtivas menos nefastas para o ambiente, a diretora do JB destacou a importância da “economia circular”, mas também da “inovação” neste setor da indústria onde, de resto, Oliveira do Bairro se destaca por acolher alguns gigantes da cerâmica nacional.

Na ocasião, Oriana Pataco não deixou também de frisar a Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, liderada por Duarte Novo, que tem estado empenhada em preservar esta parte da identidade do concelho, com um investimento avultado na requalificação da antiga Cerâmica Rocha, por forma a dotar aquele espaço de infraestruturas ligadas à história e à inovação.

Cerâmica: da Bairrada para o mundo

O primeiro orador da noite seria José Luís Sequeira, presidente da APICER (Associação Portuguesa da Indústria de Cerâmica) que, aos convidados, salientou ser a cerâmica “o pulmão da Bairrada”. Um setor da indústria “em contacto direto com o mundo exterior”, porque de facto “a cerâmica sai da Bairrada para o mundo”, disse, recordando também

“Há um longo caminho a percorrer nesta área do associativismo, caminho que não terá de ser apenas percorrido pelos nossos empresários, mas que terá de igual modo de ser trabalhado pelo próprio movimento associativo, que bem precisa de ser reestruturado e reformulado, conforme tenho vindo a defender a vários níveis, ainda que, confesso, sem grandes resultados práticos.”

José Luís Sequeira
APICER

todos os ceramistas que pelo seu legado e dedicação, “em condições muito diferentes das atuais, desenvolveram à força de pulso este setor tão importante”. Um percurso que possibilitou que hoje, a cerâmica na região da Bairrada esteja representada ao nível de produção dos diversos materiais cerâmicos, nomeadamente pavimentos e revestimentos cerâmicos, cerâmica utilitária e decorativa, cerâmica sanitária, telhas, tijolos, abobadi-

lhas e refratários, estando na Bairrada concentrado 36% do valor do volume de negócios gerado pela indústria cerâmica nacional e 30% do número de trabalhadores.

Por outro lado, explicou ainda, “nesta região têm origem 33% das exportações nacionais de produtos cerâmicos”, destacando o responsável que, no ano de 2018, “as exportações nacionais de produtos cerâmicos atingiram os 726 milhões de euros (o seu máximo histó-

co) e repartiram-se por 168 mercados internacionais”.

À atenta plateia, José Luís Sequeira falou ainda das condições adversas orientadas pelas avançadas, e ditadas pelos avanços tecnológicos que entretanto aconteceram, mas também pelos imperativos legais nacionais e europeus, que obrigaram as empresas a um processo de adaptação e reajustamento “gradual”. Focaria então três áreas de não recuo: digitalização das

empresas; a comunicação e o associativismo.

E, se “a digitalização tem a marca da Indústria 4.0 (economia circular, descarbonização, metas ambientais, eficiência energética, qualificação dos recursos humanos); a comunicação tem o nome de marketing (informação, conhecimento, redes sociais, fake news), e a cooperação tem a marca do associativismo” (participação, partilha, diálogo e intervenção).

José Luís Sequeira falou ainda da questão energética, “dossiê mais complexo e mais exigente que se coloca à APICER”, sobretudo “pelo emaranhado de interesses que se cruzam, desde a produção ao consumo dessa energia”, mas também dos Recursos Humanos, desde o recrutamento, passando pela questão da formação e adaptação, às novas necessidades das empresas e à sua modernidade.

A terminar, disse que há um longo caminho a percorrer nesta área do associativismo, “caminho que não terá de ser apenas percorrido pelos nossos empresários, mas que terá de igual modo de ser trabalhado pelo próprio movimento associativo, que bem precisa de ser reestruturado e reformulado, conforme tenho vindo a defender a vários níveis, ainda que, con-

Bairrada é responsável por 30% do emprego total do setor em Portugal

➔ A Região Centro empregava, em 2017, mais de 80% do emprego total nacional da indústria cerâmica portuguesa. Na Bairrada, no mesmo ano, as empresas cerâmicas existentes empregavam 5.341 trabalhadores, o que representa 30% do emprego total do setor em Portugal.

A região da Bairrada contribuiu, em 2017, para o volume de negócios gerado na indústria de cerâmica com 420 milhões de euros, o que representa 36,5% do respetivo total nacional; conseguindo, já em 2018, exportar 242 milhões de euros, o que representa 33,3% do respetivo valor total

nacional.

Se olharmos para as 14 maiores empresas do setor cerâmico do concelho de Oliveira do Bairro - e que constam da listagem das 500 maiores empresas da Bairrada, publicada pelo Jornal da Bairrada nos finais de 2018 - estas 14 empresas empregavam, em 2017, 1319 trabalhadores.

Dados referentes àquele ano apontam que essas empresas faturaram cerca de 101 milhões de euros e exportaram cerca de metade (47 milhões de euros), maioritariamente para destinos como Alemanha, Angola e França.

Município empenhado no desenvolvimento contínuo da cerâmica

O autarca Duarte Novo que, como evidenciou, é natural de Bustos, “vila com uma das maiores tradições de cerâmica no concelho”, localidade onde a cerâmica tem sofrido uma “alteração radical”.

Para o autarca, a cerâmica faz parte da vida do concelho há muitos anos, “começou no século XIX”, bem próximo da Estação, hoje conhecida por Cerâmica Rocha e que está a ser reabilitada. Por isso deixou um desafio às entidades presentes para que esta reabilitação seja “um projeto para formar jovens para a cerâmica”, mas que aquele espaço seja também um projeto para a região, aos empresários que queiram com o município apostar no desenvolvimento contínuo da cerâmica em Oliveira do Bairro.

Duarte Novo recordou os primórdios do setor em Oliveira do Bairro, na área dos vidrados, mas também a grande implementação da cerâmica do barro vermelho, muito forte desde a década de 50/60 e que hoje se transformou. “Unidades industriais que se foram transformando ao longo dos tempos”, disse, sublinhando a aposta que os empresários têm feito nas novas tecnologias e abandonaram o gás natural, utilizando outras fontes de energia na produção do tijolo, telha, abobadilha, do pavimento e revestimento, da argila expandida e da cerâmica decorativa do concelho.

Assim, aos presentes Duarte Novo reafirmou que “ser autarca num município que tem uma aposta tão grande na indústria é um orgulho”.

Na ocasião deixou ainda uma palavra de encorajamento aos industriais: aos que já apostam no município, aos que querem apostar e àqueles que um dia poderão vir para o município ou quiçá relacionar-se com as nossas empresas”.

Duarte Novo venceu que o município continua a apostar nas suas zonas industriais, nas suas empresas. “É conhecido o esforço que estamos a fazer na ampliação das zonas industriais para oferecer às empresas a expansão que precisam”, disse ainda, apelando aos empresários para que façam também chegar ao executivo “as vossas necessidades para que possamos ir ao encontro da satisfação das mesmas”, seja através da capacidade de ir mudando aquilo que são as suas ofertas e o seu território, seja através de contactos junto de entidades superiores e da tutela. “É estando ao vosso lado, sentindo as vossas necessidades que nós vos podemos ajudar”, disse terminando com uma crítica ao excesso da carga burocrática, por exemplo na legalização de parcelas destinadas à ampliação de ZI. “A burocracia que se cria em torno de algo que deve ser simples é o maior limitador ao investimento”.



“Nos últimos 60 anos a população mundial cresceu três vezes, mas olhando ao consumo dos recursos naturais e materiais estes cresceram 14 vezes mais. Um desequilíbrio que obriga à procura de um equilíbrio que terá de ser construído de forma diferente.”

Marisa Almeida
CTCV

“Os apoios não são só para grandes empresas e o Portugal 2020 não está direcionado só para as grandes empresas, porque são as pequenas e médias empresas que têm a grande maioria dos apoios.”

Conceição Carvalho
CCDR

fesso, sem grandes resultados práticos”.

A urgência da Economia Circular

Marisa Almeida, responsável pela Unidade de Ambiente e Sustentabilidade do CTCV (Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro), foi a segunda oradora da noite. Fez uma breve explicação sobre o CTCV e centrou-se na abordagem da Economia Circular, destacando tratar-se de um “sistema restaurador”.

“Nos últimos 60 anos, a população mundial cresceu três vezes, mas olhando ao consumo dos recursos naturais e materiais, estes cresceram 14 vezes mais”, disse sobre uma situação de desequilíbrio que obrigou à procura de um equilíbrio que “terá de ser construído de forma diferente, de forma a que as gerações futuras tenham acesso a

esses recursos naturais para satisfazer as suas próprias necessidades”.

Aos presentes, Marisa Almeida avançou que a “economia circular surgiu como uma resposta ao desejo de um crescimento sustentável”, com a finalidade de “que não haja, no final, resíduos”.

Falou ainda da aposta na promoção da eficiência energética, da modernização do setor dos transportes, do aumento da implantação de energias renováveis, transição para uma economia hipocarbónica (objetivo é que em 2015 a energia seja 100% renovável - elétrica), dissociar o crescimento económico da utilização de recursos.

Já em termos de prioridades, focou a necessidade de combater ou restringir práticas desleais como o greenwashing, testar a pegada

ambiental dos produtos, aumentar a eficácia do rótulo ecológico para a indústria cerâmica da UE e sensibilizar os consumidores.

Quanto a estratégias recomendadas pela UE para se alcançar a economia circular, Marisa Almeida destacou a desmaterialização de produtos e serviços, ecodesign, o pensamento de ciclo de vida, a prevenção de produção de resíduos e a extensão do ciclo de vida dos produtos, simbioses industriais: “talvez seja por aqui que temos de começar, ou seja, é por vezes no desperdício ou subproduto de uma indústria pode ser uma matéria-prima ou energia para outra”, clarificou.

Depois de apresentar alguns exemplos práticos de economia circular, terminaria afirmando que a indústria cerâmica tem capacidade

de muito grande para inovar, mas também tem uma capacidade instalada muito grande que pode servir a outros setores e ser um motor à economia circular e simbioses circulares.

CCDR quer ser parceira das empresas

Conceição Carvalho, responsável pelas áreas do Conhecimento, Inovação e Competitividade do Programa Operacional da Região Centro, falou dos vários instrumentos que existem para o apoio às empresas, mas também de alguns números que são um bom indicador sobre esta matéria. Quanto aos apoios, avançou que, muitas vezes, “a dificuldade dos empresários é de um leque diversificado de instrumentos e da estratégia que têm, perceber qual o melhor instrumento ou instrumen-

tos”. Na ocasião, deu a conhecer também que na região Centro foram apoiados mais de 4 mil projetos (Centro 2020+ Compete2020) a que corresponde um investimento superior a 3 mil milhões de euros e um FEDER superior a 1,5 mil milhões de euros. Projetos, ainda assim, distribuídos de forma desigual na região, destacando-se a região de Aveiro como líder nos sistemas de incentivo, seguida da região de Leiria “devido ao histórico empresarial destas regiões”, explicou.

Já em matéria da indústria cerâmica, revelou que a CCDR já apoiou 112 empresas, a que corresponde um investimento de 138 milhões de euros, destacando-se, uma vez mais, as regiões de Aveiro e Leiria, não deixando também de sublinhar que na questão da di-

gitalização, da economia circular e da transferência energética os apoios são majorados em 10%, verificando-se uma aposta cada vez maior nas empresas e projetos com esta majoração, ou seja, cada vez mais os projetos são majorados nesta questão da economia circular na digitalização.

A terminar, Conceição Carvalho deixou nota de que “a CCDR quer que os empresários a vejam como um parceiro”, clarificando também que os apoios não são só para grandes empresas e que o Portugal 2020 não está direcionado só para as grandes empresas, porque são as pequenas e médias empresas que têm a grande maioria dos apoios do Portugal 2020 (microempresas 21%; pequenas empresas 26%, médias empresas 27% e grandes empresas 20%).







